

12^A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CINEMA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VIANA DO CASTELO

XXIII ENCONTROS DE
CINEMA
VIANA 02 A 14 MAIO 2023

2 A 5 MAIO 2023

PROGRAMA

MAIO 2 . TERÇA-FEIRA

11H00 - 13H00

> Online > Mesa 1

14H00 - 16H00

> Online > Mesa 2

MAIO 3 . QUARTA-FEIRA

10H30 - 11H00

Auditório > PALESTRA INAUGURAL

14H00 - 14H30

Piso 0 > EXPOSIÇÃO

14H30 - 16H30

Auditório > MESA 3 > FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

14H30 - 16H30

Sala 11 > MESA 4 > CIÊNCIA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

MAIO 4 . QUINTA-FEIRA

10H30 - 12H30

Auditório > MESA 5 > CINEMA E ESCOLA

10H30 - 12H30

Sala 11 > MESA 6 > CIÊNCIA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

14H00 - 16H00

Auditório > MESA-REDONDA > CINEMA . EDUCAÇÃO . COMUNIDADES

17H00 - 18H00

Auditório > APRESENTAÇÃO DE LIVRO > GROSSES KINO

MAIO 5 . SEXTA-FEIRA

10H30 - 12H30

Auditório > MESA 7 > CIÊNCIA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

14H00 - 16H30

Auditório > SEMINÁRIO > WORK IN PROGRESS

17H00-18H30

> Auditório > ENCONTRO DE PROFESSORES - CINEMA E ESCOLA

MAIO 2

TERÇA-FEIRA

11H00-13H00 - PT

07H00-09H00 - BR

MESA 1. Online

1.

Heterotopia, Turismo e Imagem: estudo de caso no Instagram sobre o Centro histórico de Belém / PA (Brasil)

Fernando Manuel Rocha da Cruz

Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba / ID+: Cinemas
fmrcruz@gmail.com

Doutor Europeu em Sociologia, Mestre em Ciências Sociais e Licenciado em Antropologia. Entre 2013 e 2019, foi Professor Auxiliar no Departamento de Políticas Públicas e na Pós-graduação em Estudos Urbanos e Regionais, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). Atualmente é Professor Visitante Senior no Programa de Pós-graduação em Cidades, Territórios e Identidades, no Campus de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará. Desde 2021, é Investigador Permanente do Grupo Cinemas, no ID+, Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura.

Palavras-chave

Cidade, heterotopia, imagem, património cultural, turismo cultural

Resumo

Partindo da tipologia proposta por Foucault sobre heterotopias, propomos refletir na presente comunicação sobre as imagens divulgadas em #centrohistoricodebelem, na rede social "Instagram" sobre o Centro histórico de Belém, no estado brasileiro do Pará. As heterotopias baseiam-se em lugares reais e concretos onde se concretizam utopias, as quais têm um papel transformador do espaço ao refletirem outros tempos, modos de vida ou até, ações de contracultura. Destacamos aqui, as heterotopias temporais enquanto justaposição de vários lugares incompatíveis entre si no mesmo espaço; as heterotopias de ilusão por usarem objetos na recriação do encantamento e fantasia; e as heterotopias de compensação que reproduzem condições ou ambientes de outros lugares. Nesse sentido, apoiamo-nos na metodologia qualitativa e dialética para debater, discernir, confrontar e defender os conceitos propostos, tendo por base a observação direta do Centro histórico de Belém, por um lado, e a pesquisa documental sobre as publicações de #centrohistoricodebelem, por outro. Desse modo, concluímos que as heterotopias foucaultianas são plenamente justificadas no caso tratado, por permitirem compreender a dualidade (ou pluralidade) significativa desses espaços onde realidade, encantamento, emoção e imaginário, se combinam e se opõem num jogo dialético e heterotópico.

2.

Portos que comunicam - uma proposta de integração entre porto e cidade mediada pelo cinema

Rosane Vasconcelos Zanotti

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
rosanezanotti@gmail.com

Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) desde 2005. Líder do grupo de Pesquisa Observatório Cidade e Porto. Pesquisadora dos grupos RASURAS, Laboratório de Comunicação e Cotidiano - ComC, Laboratório de Estudos em Criatividade e Tendências - Lecet e Sociedade Midiatizada e Práticas Comunicacionais Contemporâneas. Áreas de atuação e temas de pesquisa: design; fotografia; tecnologias contemporâneas da comunicação; mídia, cotidiano e sociabilidades. Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UFES. Mestre em Design pela PUC-Rio. Doutora em Design pela PUC-Rio, com doutorado sanduíche realizado com bolsa CAPES junto ao Laboratório de Antropologia Visual/CEMRI da Universidade Aberta (Porto, Portugal).

João Barreto da Fonseca

Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)
jombarreto@gmail.com

É jornalista, professor, mestre em Estudos Literários (Ufes) e doutor em Comunicação e Cultura, na linha de Tecnologias e Estéticas (UFRJ). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED). Trabalhou como repórter de economia e cultura na sucursal capixaba de A GAZETA MERCANTIL e trabalhou no jornalismo cultural televisivo em várias funções na TV Educativa (ES) e na TV Cultura (SP). É autor do livro “Ver e Contar: cinema, literatura e jornalismo” e do volume de contos intitulado “Carne Crua”. Pesquisa temas que incluem questões como vigilância, tragédia urbana e narrativas. Atualmente é professor da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), nos cursos de graduação em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, e de Mestrado em Letras.

Palavras-chave

Cidade portuária, cinema, comunicação, inovação social

Resumo

Cidades portuárias são territórios com dinâmicas próprias, onde cada porto atravessa a cidade de uma forma e cada cidade convive com o porto de maneira única. A indústria marítima é o pilar das relações comerciais internacionais desde as antigas civilizações e o avanço desse comércio, e conseqüente aumento do tráfego marítimo e portuário, acirrou a competição entre os portos, muitas vezes trazendo a necessidade de ampliação e reorganização do uso do espaço e expansão da infraestrutura, nem sempre com impactos positivos para o território. Nesse cenário, e notadamente nos países mais desenvolvidos, surgiram iniciativas para melhorar a relação entre as cidades e os portos que vão além da reconquista urbana de espaços portuários abandonados e muitos dos projetos já implementados, especialmente no continente europeu, estão centrados nos usos mistos, na integração e na abertura ao público. Este estudo se fundamenta nessa abertura e na possibilidade de diálogo e cooperação para apontar para o cinema, enquanto instrumento do conhecimento, forma de expressão, meio de comunicação e ofício, como potencial dispositivo de transformação das interfaces cidade-porto.

3.

Avatar - O Comportamento Dual Humano e a Relação Homem-Natureza num Filme de Ficção

Maria Celeste Henriques de Carvalho de Almeida Cantante

CEMRI - Media e Mediações Culturais
mariahcantante@gmail.com

Doutora em Literatura, Especialidade em Literatura Norte-Americana investigadora do Grupo de Investigação: CEMRI - Media e Mediações Culturais. Portugal. Tem apresentado várias comunicações a nível nacional e no estrangeiro na área da Literatura e do Cinema, bem como conferências a nível nacional no âmbito das mesmas temáticas. Tem publicados diversos artigos. Orientadora e arguente de Mestrados, bem como formadora de docentes.

Palavras-chave

ambição, ambiente, conflito, harmonia, relação homem-natureza

Resumo

Com este estudo pretende-se evidenciar a importância da relação homem-natureza, bem como o comportamento dual (bem/mal) humano e suas conseqüências, através do filme épico de ficção científica, Avatar, que coloca o espectador perante dois mundos em contraste. Um, cujas vivências sociais e interrelacionais são guiadas pelos afetos e em harmonia com a natureza e outro que, camuflado na experimentação científica, se denuncia por uma ofensiva beligerante, cujo objetivo se revê no desejo de aquisição de riqueza e de poder, provocando o caos, a destruição e a morte. Num conflito do mal contra o bem, da guerra contra a paz, da destruição contra a preservação da natureza, do ódio contra o amor, os seres humanos arriscam-se a perder uma oportunidade de comunhão, de aprendizagem e de retorno aos valores do Bom Selvagem de Rousseau, puro e inocente no seu estado natural.

MAIO 2

TERÇA-FEIRA

14H00-16H00 - PT

10H00-12H00 - BR

MESA 2 . ONLINE

4.

The Master-shot in Béla Tarr's Sátántangó

Carlos Carmona

CITAR / Escola das Artes / Universidade Católica Portuguesa

carlosruizcarmona@gmail.com

(Barcelona, 1968), filmmaker, researcher and teacher. PhD in Ciências e Tecnologia das Artes, specializing in Cinema and Audiovisual (documentary). Assistant Professor of the Portuguese Catholic University, Escola das Artes do Porto and integrated researcher at CITAR (Center for Research in Science and Technology of the Arts). Coordinator of the AIM group Cinema, Música, Som e Linguagem.

Ana Catarina Aguiar

Graduated in Design (IADE-Lisbon) and Master in Cinema and Audiovisuals (UCP-Porto), she has been developing research on black and white cinema, from Eastern Europe, and its relations with politics in social contexts, historical and aesthetic.

Palavras-chave

Master-shot, Béla Tarr, slow cinema, Hungarian cinema, film narrative, film analysis

Resumo

Béla Tarr's *Sátántangó* (1994) has been studied from an aesthetic, political and philosophical perspective, but not from what Tarr and Krasznahorkai consider to be the most important element of their work: the representation of the human condition and their dignity. This paper explores how Tarr, uses the sequence-shot to represent the dignity of his characters in *Sátántangó*? Is it possible to identify a specific stylistic pattern in his representation of the human condition? How does Tarr approach the staging of the long take to represent a point of view of humanity? What kind of relationships Tarr establishes between scenarios and characters through camera movement and composition? How these conceptual relationships contribute to presenting a point of view of the human condition?

5.

A “Educação Audiovisual” como formação cultural e como trabalho

Gregorio Galvão de Albuquerque

EPSJV/Fiocruz

gregoriogalbuquerque@gmail.com

Professor Pesquisador da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz) - Disciplina de Audiovisual.

Palavras-chave

Audiovisual, Educação, Trabalho

Resumo

O presente trabalho investiga a Educação Audiovisual como formação cultural e política além de um campo de trabalho para o aluno. O audiovisual no ambiente escolar é utilizado como uma forma de expressão artística e de contestação do aluno sobre sua realidade, contudo ele passa a ser também um campo de trabalho para ele. “Professor, ganhei dinheiro tirando foto do aniversário da minha tia”. “Ganhei dinheiro fazendo vídeos para meus familiares”. O professor que utiliza o audiovisual precisa pensar nessas perspectivas e possibilidades para os alunos em uma sociedade que as imagens passaram a mediar as relações.

6. Cinema na escola: em busca de um gesto criativo

Luciana Alves Rodrigues

UFG

lualvesrodrigues@discente.ufg.br

Acadêmica de Doutorado pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2020). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (2006). Pesquisadora do grupo de pesquisa NEVIDA/FE/UFG (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Violência, Infância, Diversidade e Arte). Membro de equipe da Ação de Extensão – Sessão corujinha: cinema e infância CEPAE/UFG. Professora do Ensino Fundamental – Secretaria Municipal da Educação de Goiânia e Aparecida de Goiânia.

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

UFG

maria.carvalho@ufg.br

Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (2011), assim como seu mestrado. Pós-doutoramento em Artes e Cultura Visual. Professora do 3 grau da Universidade Federal de Goiás no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. Coordenadora do projeto de pesquisa interinstitucional Arte, psicanálise e educação: os procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância (UFG, UEG, UFMS), coordenadora do projeto de extensão e periódico wwwfolhinhaaplicada.com, participante do projeto de extensão Sessão Corujinha e membro do grupo de pesquisa Cinema e narrativas digitais da Associação de Produção e Animação Audiovisual Ao Norte/Portugal. Com experiência na área de educação, no ensino básico, se dedica às temáticas sobre infância, cinema e audiovisual (curadoria e produção).

Palavras-chave

Cinema, Escola, Gesto, Estética

Resumo

O presente estudo apresenta o encontro entre dois projetos de cinema: Oficina de Cinema na Escola do projeto de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás e o Projeto de Extensão Sessão Corujinha do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação e Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. O objetivo é apresentar o relato de experiência envolvendo as crianças participantes da oficina de cinema do projeto de Doutorado mencionado em uma das atividades propostas do XIV Festival de Pipoesia do CEPAE-UFG de 2022: Sessão Corujinha: 101 anos de alegria e poesia no cinema com Carlitos. Para tal, partimos de uma investigação bibliográfica e relato de experiência, a fim de analisar a experiência empírica considerando o diálogo entre o cinema, a educação, a infância, a poética e a estética. Uma breve análise de conteúdo da obra fílmica O garoto, de Charles Chaplin também foi realizada, perspectivando a apreciação fílmica oportunizada para as crianças e a qualidade estética da obra. Para as análises recorreremos a alguns referenciais teóricos: – Jacques Rancière (2002); Alain Bergala (2008); Adriana Fresquet (2017); Virgínia Kastrup (2010) – com a intenção de discutir acerca da emancipação da inteligência; a contribuição do cinema enquanto possibilidade formadora do gosto infantil, compreendendo o cinema enquanto arte de potência emancipadora e o gesto enquanto experiência estética.

MAIO 3

QUARTA-FEIRA

10H30-12H30

PALESTRA INAUGURAL

Auditório

IMAGENS ENTRE TEMPOS

Margarida Brito Alves

FCSH - UNL

Professora Associada com Agregação do Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

– Universidade Nova de Lisboa, sendo coordenadora do Doutoramento em História da Arte e vice-coordenadora do Doutoramento em Estudos Artísticos – Arte e Mediações. Doutorada em História da Arte Contemporânea (NOVA FCSH, 2011), é investigadora integrada do Instituto de História da Arte, onde coordena a Linha de Investigação “Spatial Practices in Contemporary Art”. É autora dos livros O Espaço na Criação Artística do Século XX. Heterogeneidade. Tridimensionalidade. Performatividade. (2012) e A Revista Colóquio / Artes (2007), assim como de diferentes outras publicações em livros editados, revistas científicas e catálogos de exposição. Complementarmente, tem exercido alguma actividade no plano da curadoria.

Resumo

Assumindo como eixo de reflexão a articulação entre espaço, tempo e imagem na produção artística contemporânea, a comunicação procurará abordar diferentes processos de construção da imagem, pretendendo discutir as latências, e potências, que da imagem fazem parte.

Assim, partindo de uma ideia de espacialização das artes, e em particular das imagens, e problematizando sobretudo as diferentes temporalidades que as mesmas associam, serão abordadas algumas práticas que nos permitem questionar, e até reconfigurar, a relação que mantemos com o mundo que habitamos.

Moderação: Tomé Quadros (ESE-IPVC)

MAIO 3

QUARTA-FEIRA

14H00-14H30

Piso 0 do Edifício Novo

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

UM OLHAR ATENTO

Organização

Cláudia Ferreira, Helena Araújo, Lara Gonçalves e Professora Raquel Moreira

Descrição

Esta exposição reúne uma seleção de fotografias realizadas por alunas e alunos do 2º ano da Licenciatura em Artes Plásticas e Tecnologias Artísticas, da Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Viana do Castelo, no ano letivo 2022/2023.

MAIO 3

QUARTA-FEIRA

14H30-16H30

MESA 3. Auditório

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

Moderação: Raquel Moreira (ESE-IPVC)

7.

Pequenos Pés Descalços

Sabrina D. Marques

IHA | FCSH-UNL

sabrina.d.marques@gmail.com

Artista visual, argumentista e investigadora que vive e trabalha em Lisboa. Licenciada em Comunicação (FCSH), especializada em Cinema (ESTC), doutoranda em História da Arte (FCSH), vertente contemporânea, onde integra o Cluster de Fotografia e Cinema (IHA). Publica em várias revistas e editoras nacionais e internacionais. Freelance em realização, argumento, dramaturgia, produção. Como cineasta assinou, entre várias curtas e vídeo-ensaios, a longa documental Os Fotocines (Real Ficção, 2020). No presente, desenvolve como argumentista/realizadora o filme TEIA, dedicada ao património têxtil português (Maria e Mayer, 2023).

Palavras-chave

Operários, Arquivo Fotográfico, Testemunho Directo, Arquivo Fílmico

Resumo

Covilhã, “cidade-fábrica, cidade-granja”. Por uns exaltada como a “Manchester Portuguesa”, devido às parelhas na matriz industrial lano-têtil. Para outros, símbolo das desigualdades que o sistema capitalista só amplificou à escala global. Com a crise e encerramento das fábricas, a presente deslocalização da produção ocidental continua a assentar nas mais díspares divergências económicas, traduzindo-se na exploração serial de mão-de-obra sem poder económico para adquirir o que produz. Na Covilhã, uma investigação encurralada pela ausência de imagens dos operários só documenta a verdade que estes ex-trabalhadores testemunham: se a condição operária sofreu de invisibilidade sistemática, os seus problemas também. Quem sobreviveu, não tem imagens para contar a história, mas narra pela própria voz como se começava cedo a trabalhar na fábrica, muitas vezes, sem escolaridade. Que país era este onde, nem há 100 anos, os próprios trabalhadores do vestuário - homens e mulheres, meninos e meninas - saíam desagasalhados e descalços das fábricas?

8.

Dun estudo compartido a un estudo propio: A muller como (co)creadora de imaxes a través do caso das galegas Ventura Gil Fernández e Perpetua Malvárez Gil (1922-2000)

Jennifer Novoa Domínguez

Universidade de Santiago de Compostela

jennifer.novoa.dominguez@usc.es

Jennifer Novoa Domínguez é Historiadora da Arte e Técnica Superior en Artes Plásticas e Deseño en Fotografía. Ten un Máster en Xestión do Patrimonio, Museos e Mercado da Arte. Actualmente é investigadora predoutoral no Departamento de Historia da Arte da Universidade de Santiago de Compostela e pertence ao Grupo de Estudos Audiovisuais de dita universidade. A súa tese céntrase no estudo de mulleres fotógrafas na segunda metade do século XX en Galicia, a cal reflicte o seu interese por o papel da muller, como creadora, dentro da Historia da Arte. Ademais, está interesada na teoría e estética da imaxe, a arte contemporánea e os estudos culturais.

Palavras-chave

Estudos fotográficos, fotografía social, fotógrafas, Historia da fotografía galega

Resumo

Cunha revisión histórica de casos como o de Cándida Otero, pioneira da fotografía en Galicia, este traballo pretende analizar o papel da muller como (co)propietaria dun estudo fotográfico e (co)creadora de imaxes. En particular, esta investigación céntrase no caso de Ventura Gil e Perpetua Malvárez, nai e filla procedentes de Muros (Galicia), grazas a información e imaxes cedidas polas netas de Ventura Gil. Analízase o papel activo desempeñado por Ventura Gil dentro do estudo fotográfico do seu marido, Juan Malvárez, en tarefas administrativas; organización do set, tarefa totalmente esquecida pero fundamental no correcto funcionamento do negocio familiar; preparación dos modelos femininos suxeitos a fotografar; ou a elaboración de elementos decorativos para a realización dos retratos. Ademais, invéstigase a carreira de Perpetua Malvárez, fotógrafa de profesión, centrándonos na continuidade do negocio familiar e a súa contribución na proxección da disciplina fotográfica na comarca de Muros. Dentro das súas instantáneas destacan fotografías de retratos e festividades que amosan o seu interese por preservar a memoria tanto familiar coma colectiva e cultural. En definitiva, a través da presente investigación procúrase realizar un análise crítico co fin de amosar que, a pesar de que a figura masculina fora a máis recoñecida publicamente, podemos exemplificar casos no que a toma de imaxes constituía un traballo plural. Neste sentido, preténdese por o foco no rol que desempeñou a muller na evolución da disciplina fotográfica para resignificar a súa posición como suxeito activo e creador.

9.

Os arquivos fotográficos persoais na construción fílmica documental non familiar: rescate e encarnación histórica da experiencia de clase

María Soliña Barreiro González

Universidade de Santiago de Compostela
mariasolina.barreiro@usc.es

Doutora en Comunicación Social pola Universitat Pompeu Fabra e traballa como profesora na Universidade de Santiago de Compostela. É unha investigadora especializada nas representacións mediáticas do traballo, no cine de vangarda e no cine documental. As súas pesquisas desenvólense no grupo Estudos Audiovisuais (USC). É autora da monografía *La revuelta en la mirada. Las imágenes del tiempo en el cine de vanguardia europeo de los años 20* (PUV).

Aina Fernández

Universidade de Santiago de Compostela
afernandez@tecnocampus.cat

Doutora en contidos de comunicación dixital pola Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). É profesora no Tecnocampus-Universitat Pompeu Fabra. Sempre combinou o seu traballo en comunicación dixital coa docencia e a investigación sobre medios novos contidos dixitais. Participa no grupo de investigación Narratives de la Resistència (Tecnocampus – Universitat Pompeu Fabra) e en proxectos sobre medios de comunicación e clase traballadora. Tamén é autora da monografía *Lliures o vassalls. El dilema digital* (El Viejo Topo).

Palavras-chave

fotografía familiar, cine documental, clase traballadora, retóricas de reapropiación

Resumo

As imaxes fotográficas dos álbumes persoais das traballadoras do téxtil entraron tardiamente na produción documental de *Històries del Punt*, centrado na experiencia das mulleres obreiras de Mataró durante a segunda metade do s.XX. O emprego de testemuñas de historia oral e a recuperación de materiais de arquivos institucionais estaban claras desde o principio. A medida que avanzaba o documental, as fotografías dos álbumes persoais fóronse abrindo camiño. Esta comunicación propón estudar como a retórica que establecen no documental é de radical importancia para a función e significado da peza. Por unha banda semella racharse o sistema de autoreferencialidade entre produtor e consumidor desas imaxes cando saen do álbum familiar (podendo entrar no eido posfotográfico segundo Fontcuberta (2017)) e, por outra, históricanse ao conformar un corpo fílmico que transcende o persoal (Cuevas, 2022). Agora ben, *Històries del Punt* busca como público principal ás propias traballadoras protagonistas co que, durante un tempo, convivirán as retóricas familiares e históricas, facendo evidente a entrada da historia persoal no dominio do substantivo historicamente a nivel social. Esas imaxes non teñen a función de facer unha microhistoria documental nin de ilustrar abstractamente nin de revelar a subxectividade individual, senón de encarnar aquilo que de experiencia colectiva provocaron unhas condicións materiais compartidas: seren mulleres e obreiras. Estas imaxes cobren un amplo abano temático alén das vodas e retratos, pois estas mulleres conservaron nos seus álbumes mesmo imaxes das fábricas derruídas nas que traballaron.

10.

Álbum de Familia

Edmundo Correia

Santa Maria Maior | ISCE Douro | Aluno - ESMAD
mundojbc@gmail.com

Natural e residente em Viana do Castelo. Possui uma formação diversificada, tendo frequentado a licenciatura em Artes Plástica na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, o Curso Profissional no Instituto Português de Fotografia no Porto, Instituto Politécnico do Cavado e Ave, na licenciatura de Design, Mestrado Design Gráfico e Projetos Editoriais na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Mestrado em Ensino Artes Visuais na Faculdade de Belas Artes, Faculdade Psicologia e Ciências da Educação na Universidade do Porto, atualmente frequenta o Mestrado em Comunicação Audiovisual na especialização de Fotografia e Cinema Documental. Este percurso académico é desde 2007 acompanhado pelas atividades profissionais desenvolvidas no domínio da Educação, desenvolvendo a atividade docente, no domínio da arte e da criatividade, como fotógrafo e designer freelancer

Palavras-chave

Fotografia, memento mori, álbum de família, memória, arte

Resumo

No presente ensaio focaremos a nossa reflexão em torno do conceito de “arquivo” e do seu potencial nas artes visuais, cinema e fotografia. Deixamos nota, que partimos do pressuposto de que o “arquivo” desempenha, muitas vezes, o propósito de servir como “ponto de partida” para o desenvolvimento de projetos criativos. Neste contexto, procuraremos compreender em que medida a composição do “arquivo”, através dos seus diferentes elementos: documentos, imagens fotográficas e fílmicas, se constitui matriz que potencia a produção artística, tal como, no domínio das artes plásticas, das artes visuais e das artes de palco. Em particular o nosso olhar será direcionado à relação do “arquivo”, como espaço onde habita a memória, com a fotografia, como forma de registo no passado e no presente.

11.

A Fotografia enquanto uma nova molécula do ADN genético

Adriana Baptista

uniMAD | ESMAD/P. Porto

mab@esmad.ipp.pt

Professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Semiótica e Metodologias de Investigação em Comunicação Audiovisual. Doutorada em Psicolinguística/Leitura de Texto e Imagem e investigadora em Literacia Verbal e Visual na uniMAD (Unidade de Investigação da ESMAD) e no CLUL da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Felícia Oliveira

ESMAD/P.Porto

Mestranda na ESMAD/P. Porto em Comunicação Audiovisual/Fotografia e Cinema Documental.

Palavras-chave

arquivo, registo, ícone, índice

Resumo

Partindo de um projeto de fotografia sobre os documentos/objetos que a Roda do Porto designa como os Sinais da Roda, pretendemos discutir a forma como a produção fotográfica, partindo do arquivo e do registo, pode criar uma nova realidade de retrato biográfico de onde a personagem está ausente e onde a estrutura rizomática da genealogia se mostra como um dado inequívoco de que o que se vê ultrapassa o que se mostra. Assumimos que o fotógrafo tem a capacidade de dar uma nova vida aos sinais que repousam no arquivo, criando uma genealogia emocional. Falando da fotografia como registo e como documento, Miriam Manini afirma que o caminho para a informação, necessita da contextualização sem a qual a informação não fará sentido, mas “o contexto aciona toda uma rede semântica que vai conectar outros fios em sua malha para produzir mais alcance do conhecimento assim obtido.” Ora, esta malha de contextualização na leitura visual, sem a seleção pelo produtor de imagens e pelo seu leitor do que se quer que se veja e do que se quer ver e não do que se mostra, pois tal como Manini diz “qualquer detalhe que se privilegie terá uma série de seus pares preteridos, já que qualquer indexação é seleção.” Sabendo o quanto a fotografia de arquivo, pretende superar a iminente ação do tempo na durabilidade do documento arqueológico, apondo o hoje ao ontem, podemos afirmar que a fotografia do documento arquivado também pode trazer uma luz diversa do hoje valorizando mais o índice (que quem a vê escolhe para pensar na genealogia de quem mostra) do que o próprio documento? Sabendo o quanto a fotografia pode registar o objeto tal como é, podemos acreditar que mesmo fazendo-o, trabalhando sobre a materialização pela topicalização de um detalhe, aumenta a capacidade de pensar sem tocar? Trabalhando a fotografia sobre objetos catalogados e indexados a partir dos dados genealógicos da peça disponíveis, pode a fotografia aumentar o seu valor real, paratextual e histórico?

MAIO 3

QUARTA-FEIRA

14H30-16H30

MESA 4 . Sala 11

CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

Moderação: Carlos Almeida (ESE-IPVC)

12.

Na câmara escura: a singularidade do cinema experimental de Peter Tscherkassky

Carlos Alberto Matos Trindade

ESAP

carlos.trindade@esap.pt

Licenciado em Artes Plásticas/Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (1981). Doutorado pela Universidade de Vigo (Departamento de Escultura, 2014). Foi bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2009-2012) e é membro do grupo de investigação MODO (Departamento de Escultura, Universidade de Vigo). Desde 1982, é professor nos Cursos Superiores Artísticos da ESAP (Escola Superior Artística do Porto), de que foi um dos fundadores e onde tem exercido diversos cargos: actualmente, é o Director de Curso da Licenciatura em Artes Plásticas e Intermédia. Enquanto artista plástico, começou a expor em 1978: realizou 6 exposições individuais e participou em mais de 160 colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Entre 1976 e 1981 trabalhou em Cinema de Animação, incluindo dois filmes subsidiados pelo Instituto Português do Cinema, produzidos por Cinematógrafo-colectivo de intervenção, do qual foi um dos fundadores. Em 2005 recomeçou a trabalhar em cinema, tendo realizado desde então três curtas-metragens, apresentadas e premiadas em dezenas de Festivais Internacionais de Cinema.

Palavras-chave

cinema experimental, found footage, película de celulóide, câmara escura, raiograma

Resumo

A comunicação é dedicada à análise de algumas curta-metragens do cineasta austríaco Peter Tscherkassky (n. 1958, Viena), que se afirmou gradualmente como um dos maiores expoentes do cinema vanguardista e experimental, e também é um relevante teórico, programador e organizador de retrospectivas e festivais de cinema em Viena e no estrangeiro, fundador da produtora SixPack Film, e professor de realização na Academia de Artes Aplicadas em Viena e Linz. Desde o início da sua carreira (1979), o seu trabalho artístico tem-se caracterizado ao longo dos anos por explorar, continuamente e obstinadamente, a diferença entre os mundos da imagem analógica e da imagem digital. Na verdade, tem recorrido em todos os seus filmes, seja qual for o formato, ao uso exclusivo da película de celulóide, geralmente a preto e branco, e o seu método de trabalho é bastante singular: na solidão do seu estúdio, na realidade uma câmara escura – a que chama Manufacture –, realiza filmes de um modo completamente artesanal, sem recorrer a qualquer máquina de filmar, utilizando fundamentalmente found footage como material despoletador da sua estética muito particular. No sentido de contextualizar a produção fílmica de Tscherkassky, fazemos ainda uma pequena abordagem ao surgimento do termo found footage para designar a versão cinematográfica da prática da apropriação de imagens pré-existentes, e as diversas variantes deste tipo de cinema.

13.

Símbolos de Reconhecimento e Valorização do Departamento de Som em Cinema

Inês Rebanda Coelho

CECS-UCP | UL

insclh@gmail.com

Professora auxiliar convidada da Universidade Lusíada, investigadora do CECC- UCP, cofundadora e coordenadora do GT Economia e Gestão na Imagem em Movimento da Associação da Imagem em Movimento (AIM). É, também, jurada efetiva do Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) e consultora e especialista em Novos Media da dgArtes, ambos desde 2021. É licenciada em Som e Imagem, mestre em Cinema e Audiovisual pela Universidade Católica do Porto e doutorada em Ciências da Comunicação, vertente de Estudos Fílmicos e Televisivos, pela Universidade do Minho. Possui diversas comunicações e publicações sobre noções de autoria, novas tecnologias, propriedade intelectual e direitos de imagem, cinema e televisão ficcional.

Palavras-chave

Som, Cinema, Festival, Cerimónia, Prémio

Resumo

O departamento de som continua a ser um dos mais subestimados e desvalorizados na indústria cinematográfica. Pela sua importância e pela dimensão que traz a cada obra cinematográfica, optou-se pela concretização de um estudo quantitativo e qualitativo sobre design sonoro. Neste estudo são analisados os filmes vencedores dos últimos 20 anos de categorias ligadas à melhor sonoplastia, tanto em festivais de cinema significativos (ex.: Festival de Cannes) como em cerimónias de entrega de prémios (Academy of Motion Picture Arts and Sciences (Oscars), European Film Award). Esta investigação pretende melhorar a compreensão do peso que os festivais e cerimónias de prémios têm para a indústria cinematográfica e enfatizar a importância do som no cinema e a necessidade da sua devida valorização.

14.

Luis García Berlanga, Breve olhar sobre um autor cinematográfico singular

Miguel A. Castelo Agra

Abrago Filmes

abragofilmes@gmail.com

Miguel Castelo, abandona a sua profissão de mariño mercante atraído polo mundo da comunicación. Licenciado en Ciencias da Información, na especialidade de Imaxe e Son, pola Universidade Complutense de Madrid en 1976, crea en 1979 a marca produtora ÁBRAGO FILMES e, tras uns anos dedicado a labores de xornalismo en prensa, radio e TV e á realización de labores de organización e difusión na primeira etapa da Dirección Xeral de Cultura da Xunta de Galicia, retoma en 1990 a actividade da produción e realización cinematográficas. Ten escrito traballos sobre cinema, teatro e outros aspectos da cultura en diversas publicacións e xornais galegos e de fóra de Galicia, impartido cursos sobre narrativa audiovisual e efectuado colaboracións en TVE en Madrid, no seu Centro Territorial de Galicia e na TVG. Así mesmo, ademais de traballar, realizando labores diversos, na maior parte das producións galegas dos 70, foi membro fundador da, xa desaparecida, empresa audiovisual "Trama", pioneira en Galicia na especialidade do vídeo industrial. A súa primeira realización como guionista e director, O pai de Migueliño, foi seleccionada nos máis importantes encontros cinematográficos españois (San Sebastián, Valladolid, Bilbao, Gijón...) e estranxeiros (Oberhausen, Moscova, Utrecht, Londres) e galardoadada co Premio da Crítica no V Certamen Internacional de Films Cortos "Ciudad de Huesca" e cunha Mención Especial na XIX Setmana Internacional del Cinema de Barcelona. O seu último traballo polo momento, O desexo, obtivo o Gran Premio do Cinema Español do XXXVI Festival Internacional de Cinema Documental e de Curtametraxe de Bilbao, o Prémio Especial do Juri e o Prémio da Organización do Festival Internacional de Cinema do Algarve, o Tatu de Prata á Melhor Fotografía do XXII Festival Internacional de Cinema de Bahía e o Premio AEC á Mellor Fotografía en laVI Semana Internacional de Cinema Experimental de Madrid. Así mesmo, ademais de ser incluído no Panorama de Cinema Español do XVI Festival Internacional do Novo Cinema Latinoamericano da Habana, do Curtocircuíto de Nápoles 96 e do II Festival Internacional do Cortometraggio de Siena, O desexo foi seleccionado oficialmente para tomar parte nos festivais internacionais de Mannheim-Heidelberg, Huy, Namur, Alcalá de Henares e Torelló, nas súas edicións cuadraxésimo cuarta, trixésimo quinta, terceira, vixésimo quinta e décimo cuarta, respectivamente. Como produtor executivo fixo O matachín, de Jorge Coira (Premio á Mellor Curtametraxe no I Festival de Cinema Independente de Ourense) e Isolina do Caurel, de Chema Gagino.

Palavras-chave

Espanhol, Linguaxe, Humor, Influência, Centenário, Coral, Plano-se

Resumo

Luis García Berlanga é um dos maiores autores do cinema espanhol. Ele desenvolve sua carreira ao longo de cinco décadas (50-90). Uma obra frutífera e grande sucesso da qual se destacam títulos memoráveis como Plácido, El verdugo ou La escopeta nacional e suas duas continuaçãoes. A comemoração do centenário de seu nascimento em 2021 foi um evento de extrema importância no cenário cinematográfico internacional. Falecido em 2010, Luís G. Berlanga deixa atrás de si uma influência confessa em muitos dos cineastas que o seguiram. Esta comunicação pretende prestar, com lamentável atraso, uma homenagem, tão modesta quanto merecida, à figura deste grande cineasta que, juntamente com Luis, Buñuel, J. A. Bardem e Fernando Fernán-Gómez, um reconhecimento que, de igual modo, destaca o sinal mais distintivo de sua expressão formal: o coral e o plano-sequência.

CINEMA E ESCOLA

Moderación: João Gigante (ESE-IPVC)

15.

Pensar a creación de imaxes con imaxes. O ensino da produción fílmica de baixo orzamento a través de materiais didácticos audiovisuais

Clara García Nieto

Universidade de Santiago de Compostela
clara.garcia@usc.es

Licenciada en Comunicación Audiovisual pola Universidade de Vigo e cun mestrado en Comunicación e Educación na Rede polo UNED. Compaxina o seu traballo como postprodutora de vídeo coa docencia na Universidade De Santiago de Compostela, onde é profesora asociada e doutoranda en Información e Comunicación Contemporánea.

Marta Pérez Pereiro

Universidade de Santiago de Compostela
marta.perez.pereiro@usc.es

Doutora pola USC. Profesora contratada doutora da Facultade de Ciencias da Comunicación (USC), onde imparte materias de Comunicación Audiovisual e Xornalismo. Defendeu a súa tese Modalidades humorísticas na comedia televisiva galega. Humor e ideoloxía na fórmula televisiva da comedia de situación en 2007.

Cibrán Tenreiro Uzal

Universidade de Santiago de Compostela
cibran.tenreiro@usc.es

Doutor pola Universidade de Santiago de Compostela e membro do Grupo de Estudos Audiovisuais, é profesor interino na Facultade de Ciencias da Comunicación da mesma universidade. As súas liñas de investigación estudan a relación entre música e audiovisual e a produción cultural doméstica, amadora ou relacionada cos grupos de fans. Premio María Luz Morales de Ensaio Cinematográfico, é membro do Cineclub de Compostela e, como xornalista, colabora con medios como a revista cinematográfica A Cuarta Pared.

Palavras-chave

produción audiovisual, baixo orzamento, material didáctico, cinema, universidade

Resumo

O ensino da Comunicación nos graos universitarios combina, desde hai décadas, a metodoloxía clásica das clases marxistas coas prácticas de campo e laboratorio, nunha modalidade híbrida entre o teórico e o práctico. Este modelo privilexia un traballo de produción de imaxes pensadas para a demostración da adquisición de coñecemento, pero non para que, ao xeito do videoensaio como forma de pensamento, os recursos visuais e sonoros dialoguen entre si. Seguindo a idea godardiana de pensar as imaxes a partir de imaxes, os docentes de Produción Cinematográfica, Edición Audiovisual e Escritura Audiovisual do Grao de Comunicación Audiovisual da Universidade de Santiago de Compostela (USC) realizaron un primeiro exercicio de ensaio fílmico como material didáctico para empregar nas tres materias. Creada ao abeiro do programa Proxectos de innovación educativa en MOOC e de apoio das TIC á docencia da USC, "O cinema de baixo orzamento" é unha primeira peza audiovisual que procura, ao tempo, converterse nun cápsula metodolóxica e un contido para empregar no ensino dunha parte do temario que adoita ser menor dentro do programa das tres materias. A través desta experiencia, descrita nesta proposta, procúrase desenvolver unha nova ferramenta de ensino con contidos transversais e de carácter reflexivo para as tres disciplinas de produción audiovisual.

16.

O Cinema dentro e fora da Escola: uma experiência colaborativa entre a ESE-IPVC e a Universidade Lusófona - DocNomads

Raquel Azevedo Moreira

ESE-IPVC

raquelm@ese.ipvc.pt

Docente na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo desde 2016 e na Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho desde 2022. Tem vindo a desenvolver atividade profissional na organização de exposições e atividades educativas desde 2006, tendo colaborado durante nove anos na Solar - Galeria de Arte Cinemática e na produção do Curtas Vila do Conde - Festival Internacional de Cinema, com o qual continua a colaborar enquanto membro da comissão de seleção. Doutorada em Arte Contemporânea no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. Foi bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A sua formação inclui ainda o mestrado em Estudos Artísticos - Estudos Museológicos e Curadoriais na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, a licenciatura em Artes Plásticas - Multimédia na mesma Faculdade, e a licenciatura bietápica em Gestão do Património na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Enquanto artista plástica tem vindo a apresentar regularmente o seu trabalho em exposições individuais e coletivas desde 2010.

Palavras-chave

Cinema Documental, Escola, Lugar

Resumo

Esta comunicação tem como ponto de partida uma experiência de diálogo entre Cinema e Escola: a colaboração, que tem vindo a ser desenvolvida ao longo dos últimos anos, entre a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, concretamente a licenciatura em Artes Plásticas e Tecnologias Artísticas, e o mestrado internacional DocNomads, da Universidade Lusófona. Pretende-se refletir sobre experiências de alunos e docentes no âmbito desta atividade, à descoberta de histórias, gentes e lugares que alimentam o Cinema Documental.

17.

O cinema como recurso na planificação de sessões pedagógicas com crianças

Manuela Benvinda Vieira Gomes Cachadinha

ESE-IPVC

mcachadinha@ese.ipvc.pt

Professora do Instituto Politécnico do Viana do Castelo, onde leciona desde 1985 na Escola Superior de Educação. É Doutorada em Educação, na especialidade de Educação e Interculturalidade pela Universidade Aberta. É Mestre em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa e Licenciada em Sociologia pela mesma Universidade. É investigadora integrada do Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais. Tem realizado trabalho de investigação sobretudo nas áreas da Sociologia, da Cultura, da Educação, da Interculturalidade e do Envelhecimento. Tem publicado diversos trabalhos de investigação e artigos em revistas nacionais e internacionais.

Palavras-chave

Cinema, Cinema de Animação, Didática, Ensino e Pedagogia Ativa

Resumo

Temos utilizado o cinema como ferramenta pedagógica ao longo dos últimos anos, na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Mais recentemente, envolvemo-nos num projeto que visa a promoção de pedagogias ativas e participativas recorrendo ao cinema. No âmbito deste projeto, trabalhamos com algumas turmas de diferentes cursos. Nesta comunicação, apresentaremos o trabalho realizado com turmas do 3º ano do Curso de Licenciatura em Educação Básica, no âmbito de uma unidade curricular de Didática do Meio Social, trabalho no qual o cinema e os filmes para crianças, disponíveis on-line, constituíram um instrumento central. Na referida unidade curricular, os alunos da licenciatura foram convidados a ensaiar a elaboração de projetos didáticos, para crianças do pré-escolar, do 1º ciclo e do 2º ciclo do Ensino Básico, sobre temáticas na área do conhecimento do Meio Social, utilizando os filmes disponíveis na internet. Cada aluno ou grupo de alunos deveria escolher um filme adequado para crianças, filme esse que serviria como ponto de partida e que seria recurso para trabalhar com as crianças determina temática incluída nas orientações curriculares para o pré-escolar, no programa de Estudo do Meio do 1º ciclo de Ensino Básico ou no programa de História e Geografia

de Portugal do 2º ciclo do Ensino Básico. Todos os alunos da licenciatura escolheram autonomamente um filme, explicaram o porquê da escolha e apresentaram sinteticamente como poderiam trabalhar com as crianças o filme selecionado e a temática escolhida. Consideramos que esta experiência teve resultados positivos em termos didáticos e pedagógicos pois os alunos da licenciatura exercitaram quer a utilização do cinema como recurso didático quer a capacidade de pesquisa e participação ativa na construção de planificações de sessões educativas a realizar com crianças. Perceberam que os filmes, para além de terem finalidades lúdicas e de entretenimento, também podem ser utilizados com fins educativos e pedagógicos. O cinema permite ultrapassar algumas limitações das pedagogias mais tradicionalistas e conduz a um maior envolvimento dos alunos, de diferentes níveis de ensino, nas atividades de ensino-aprendizagem.

18.

La creación cinematográfica como herramienta para el desarrollo del pensamiento crítico en la educación

Jesús Ramé López

Universidad Rey Juan Carlos
jesus.rame@urjc.es

Doctor en Filosofía (UNED, 2019) con la tesis “El error de Narciso. Estética modal y audiovisual”, en la línea de investigación de estética fílmica y pedagogía del audiovisual. Actualmente doy clases en Universidad Rey Juan Carlos (URJC) dentro del departamento de Comunicación Audiovisual y Publicidad, También en el Máster Universitario habilitante en Formación del Profesorado EDUC. SEC. BACH., FP E IDIOMAS en la especialidad de PROCESOS Y COMUN. AUDIOVISUAL-Habilitante) y en el Master Universitario en periodismo Cultural y nuevas tendencias. Además doy clases de Montaje de cine y Postproducción en el ámbito universitario en el TAI (Escuela Universitaria de Artes). He participado en ponencias y congresos en Portugal, Brasil, México o Italia. También he escrito artículos en diferentes revistas indexadas como EU-topías (Dialnet Métricas), ReiDoCrea(Dialnet Métricas), ANIKI (Latindex), Manuscrita (Latindex) o Aula de Innovación Educativa (Dialnet Métricas); al mismo tiempo he publicado en editoriales como Plaza y Valdés (SPI) o Dykinson (SPI) McGraw Hill (SPI). Mis líneas de investigación están dirigidas hacia comunicación audiovisual en procesos creativos del cine, dando importancia al montaje, y la alfabetización audiovisual, investigando en relación a las didácticas que implica el uso del audiovisual en todas las etapas de la educación (infantil, primaria, secundaria, bachillerato y universidad). Mi camino como investigador está apoyado por mi labor docente universitaria desde 2016 en diferentes asignaturas del departamento de Comunicación Audiovisual o Comunicación y sociología de la URJC (directamente relacionadas con el montaje y las didácticas del audiovisual para la educación). Desde 2017 He impartido el Curso de Postgrado “Alfabetización Audiovisual para Docentes” de Formación Permanente (UNED). Además, he impartido clases de Montaje en escuelas de cine, certificado de profesionalidad de Montaje y Postproducción, formación profesional y programas de empleo (más de 10.000 horas). He realizado las siguientes estancias de investigación en Lisboa: Investigador Visitante del IHC (Instituto de Historia contemporánea) de la FCSH (Faculdade de Ciências sociais e humanas), con una duración de 2 meses (Curso 2020/2021), y en la Unidade de Investigação ICNOVA - Instituto de Comunicação da Nova – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, durante 1 mes (Curso 2021/2022), ambos en la Universidade Nova de Lisboa (Ranking Mundial de Universidades-QS: Top 9 Universidades Europeas con menos de 50 años). La intención de estas estancias era investigar los procesos creativos audiovisuales en relación con el Montaje. Mi artículo “Una nueva belleza: Lukács y el cine” ha obtenido el Premio Fernando Gonçalves Labrador del IX Congreso Internacional de Cine de Avanca 2018 (Portugal). Pertenezco al Grupo de Investigación INECO (URJC) y al Grupo de Innovación Docente NODOS (URJC). Participo activamente de sus actividades y proyectos de investigación, siendo, por ejemplo, promotor de un laboratorio ciudadano de alfabetización mediática para la educación. En transferencia del conocimiento he organizado talleres y seminarios desde 2012, destacando el proyecto de alfabetización audiovisual, “Educar la mirada”, en el colegio Trabenco, dentro de la base de datos de los Proyectos de España en Alfabetización Audiovisual del ICAA y En 2013 mención especial en los Premios de Historia de la Cinematografía y Alfabetización Audiovisual del Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. También he formado parte de un proyecto de ayuda social del ayuntamiento de Leganés. Fuera del ámbito académico desde el año 2000 soy montador profesional de cine y televisión. Entre otras obras, he editado el cortometraje nominado a los Premios Oscar, “Éramos Pocos” (2005), los documentales nominados a los premios Goya “Un cineasta en la codorniz” (2012) y “Contra el tiempo” (2012) o las series de televisión “Soy Rosa” (2018) y “El Auténtico Rodrigo Leal” (2005). Premio al Mejor Montaje (9 ClujShorts International Short Film Festival. Romania) por “La chica de los cigarrillos” (2020). Las últimas películas que he montado son “The Nanny’s Night” (2021) y Dark Girls (2022).

Palavras-chave

Educación, Cine, Pensamiento Crítico, Alfabetización Audiovisual, Proceso Creativo

Resumo

Si reflexionamos sobre el pensamiento crítico en la escuela, desde las pedagogías críticas (Freire, Habermas, Kemmis, Apple, Giroux o Berstein), podemos llegar a una idea común de que el cine puede ayudar a generar una mirada propia sobre mundo, una lengua matriz (Lledó), intransferible, que se suma a la lengua materna aprendida en el hogar y a la lengua madre del ámbito social. Cuando pensamos en la relación entre audiovisual, educación y pensamiento crítico, depende de donde pongamos el foco surgen diferentes orientaciones. Si hacemos hincapié en el aspecto crítico, podemos

analisar el propio medio; si resaltamos lo educativo podemos pensar en el audiovisual como herramienta disparadora de reflexión; pero si elegimos el aspecto creativo del audiovisual, el proceso artístico del cine (Bergala) puede englobar los otros dos enfoques. En este sentido, queremos intentar descubrir si un grupo de niños y niñas de un colegio público de Leganés (Madrid, alumnado de 11-12 años), que han pasado por un proyecto de alfabetización audiovisual (Educar la Mirada) a través de la creación fílmica en primaria, tiene en su vida actual, en secundaria, una actitud crítica hacia el medio y usan el audiovisual de forma crítica. Los resultados de esta investigación pretenden aportar luz sobre el valor de la creación en la actitud crítica de los educandos.

MAIO 4

QUINTA-FEIRA

10H30-12H30

MESA 6 . Sala 11

CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

Moderação: Filipe Rodrigues (ESE-IPVC)

19.

A Morte Espelhada

Tiago Ramos

Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa

t Ramos@campus.ul.pt

Mestre em Estudos Comparatistas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a sua área de investigação incide sobre o cinema e a literatura. É colaborador do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa e tem diversos artigos científicos publicados em revistas académicas nacionais e internacionais.

Palavras-chave

Cinema, Morte, Espelho

Resumo

Em conformidade com a tradição mitológica, o herói de Orphée (1950, Jean Cocteau) é um poeta célebre, tido pelos seus contemporâneos como um dos artistas mais distintos do seu tempo. No entanto, próximo da meia-idade e distante do fulgor criativo que caracterizou a sua juventude, actualmente, Orfeu é vilipendiado pela nova geração de poetas, que o consideram demasiado popular, assim como um representante da velha-guarda. Assim, o objectivo do poeta é reconquistar o respeito dos seus pares. Orfeu quer escrever versos que tornem o seu nome imortal. Para o fazer, o poeta enceta uma jornada na qual abandona as suas preocupações terrenas e persegue a morte além do espelho. Tendo por base uma narrativa de carácter mitológico, Jean Cocteau desenvolve, através de objectos como o espelho e de temas como a travessia para o mundo dos mortos, uma parábola auto-reflexiva que questiona a natureza especular e espectral do cinema enquanto média. Deste modo, o fim a que esta comunicação se propõe é apurar qual é o papel desempenhado pelo espelho na alegoria que Cocteau constrói a respeito do cinema e do processo artístico.

20.

“Travessia”: A fabulação audiovisual de uma sujeita malunga

Letícia Castro Simões

UFRGS

leticia.c.simoese@gmail.com

Doutoranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação do prof. Dr. Fabrício Lopes da Silveira. Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Palavras-chave

fabulação de si, narrativa documental, resistência

Resumo

O presente texto deseja se debruçar sobre o curta-metragem “Travessia”, da cineasta baiana Safira Moreira, para analisar a operação audiovisual em torno da construção de um sujeito rizomático, conceito proposto pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, em ressonância com um sujeito malungo, conceito histórico aqui trazido pelo historiador João José Reis, a partir da experiência traumática do tráfico negreiro transatlântico. A construção desse sujeito múltiplo em subjetividade e historicidade, segundo esta análise, poderia ser observada a partir do exercício de fabulação de si exercido pela sujeita narradora desta curta-metragem. Assim, essa comunicação deseja responder à seguinte pergunta: poderia a escrita audiovisual fabular a escrita de uma sujeita múltipla, partido em muitas, formada por milhares que vieram antes?

21.

A Precariedade da Cena

Felipe Xavier Martins de Lima

NOVA FCSH

felipe.xml@gmail.com

Artista visual e investigador brasileiro residente em Lisboa, Portugal. É doutorando em Estudos Artísticos – Arte e Mediações pela Universidade NOVA de Lisboa, mestre em Multimédia pela Universidade do Porto e licenciado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele está particularmente interessado em investigar as articulações entre estética, sujeito e poder nas práticas artísticas contemporâneas.

Palavras-chave

Cena, Precariedade, Método da Cena, Estética, Política

Resumo

Nesta comunicação, nos propomos a estabelecer diálogos entre os métodos de Eduardo Coutinho e Jacques Rancière. A partir da temática da “cena”, ponto incontornável das obras de ambos os autores, franquearemos análises em *Jogo de cena* (2007) através de dois precários pontos de conexão: o que interliga as fronteiras da fala e do texto, e o que entrelaça as fronteiras da ficção e do real. Efetivamente, enquanto Rancière se vale da noção de “dissenso” para compor suas “cenas teóricas”, Coutinho se vale de suas “prisões” e “jogos” — formas de dispositivos que o habilitam a se deslocar em direção a variadas dimensões cinematográficas. Em ambos os casos, trata-se da identificação de singularidades que se revelam a partir de instáveis encontros e montagens entre textos, personagens, racionalidades e sensibilidades. Sob a ótica do “método da cena” rancièriano, que se detém nas divisões do espaço e do tempo, nas relações entre as palavras e os movimentos, analisaremos como em *Jogo de cena* (2007) as cenas de Coutinho nos revelam que paradoxos, ambiguidades ou contradições fazem parte não apenas do cinema, mas da própria condição do criar e existir no mundo contemporâneo.

MAIO 4

QUINTA-FEIRA

14H00-16H00

MESA-REDONDA . Auditório

CINEMA . EDUCAÇÃO . COMUNIDADES

Moderação: Isa Catarina Mateus (Secretaria de Cinema e Educação da Federação Internacional de Cineclubes)

CINEMA NA E SOBRE A EDUCAÇÃO: O CASO DA GALIZA

Nesta edição da mesa-redonda CINEMA . EDUCAÇÃO . COMUNIDADES, resultado de uma parceria entre a AO NORTE e a Secretaria de Cinema e Educação da Federação Internacional de Cineclubes, iremos falar sobre os caminhos trilhados pelo cinema exibido e produzido em contextos de aprendizagem. Para o efeito, recebemos dois convidados

especiais, que nos trarão o conhecimento e a experiência profunda da nossa vizinha Galiza: Miguel Zabalza Beraza, diretor da Mostra de Cinema e Educação do Ateneo de Santiago e Professor Catedrático de Didática e Organização Escolar da Universidade de Santiago de Compostela; e Ana Moreiras, membro da organização do Festival Audiovisual Escolar Olloboi e docente/formadora na área da Tecnologia e Audiovisual.

Participantes

Ana Moreiras

Festival Olloboi

Nasceu em Trabada, Lugo, em 1976. Formou-se em Física de Partículas na USC e trabalha como professora do secundário desde 2000. Atualmente é professora no IES A Cachada, Boiro, onde desde 2009 coordena a oficina criativa extracurricular Club do Antifás. Nessa oficina promoveu propostas transmídia nas redes sociais (Forbidden Loves 2.0, 2012, junto com o grupo de teatro Chévere e a empresa A Navalla Suíza), experiências pioneiras em empreendedorismo criativo (Eduemprende, 2012, em colaboração com a Promove Consultora), projetos de desenvolvimento e imigração (Encontros Multiculturais com a ONGD Contacto, prémio GSD Innova 2014), trabalho intercentros sobre novas narrativas digitais (EpDLab, 2015, criado por Agareso e Gingko) e, desde o ano letivo 2015/16, coordena o STARgal robótica e projeto audiovisual, prémio de Inovação Linguística desse mesmo curso. Desde 2009 coordena o Festival Audiovisual Escolar Olloboi, um festival audiovisual de curtas-metragens voltado para todos os níveis educacionais no qual se juntam jovens, cineastas e a vizinhança. Em 2020, a Academia Galega do Audiovisual atribuiu a este festival o Prémio Especial Xosé Sellier pelo seu empenho e trabalho a favor da indústria cinematográfica galega. O site do festival contém mais de 700 vídeos, criados em escolas ao longo dos últimos 13 anos: é a única plataforma deste estilo em toda a Galiza. A associação também oferece formação em sala de aula e material didático para ajudar na alfabetização audiovisual de alunos e professores.

Miguel Zabalza Beraza

Universidade Santiago de Compostela

Licenciado em Psicoloxía e Pedagogía e Doutor em Psicoloxía pola Universidade Complutense de Madrid. Doutor Honoris Causa polo IME de Oaxaca (México) e pola Pontificia Universidade Católica de Río Grande do Sul (PUCRS) de Porto Alegre (Brasil), tamén é Profesor Honorario da Universidade de Villa María (Arxentina). Actualmente é Catedrático de Didáctica e Organización Escolar e Profesor emérito da USC, onde tamén foi Decano da Facultade de Ciencias da Educación, director do Instituto de Ciencias da Educación, membro do Claustro e da Xunta de Goberno e membro da Comisión de Calidade. Ocupa os cargos de Presidente de AIDU (Asociación Iberoamericana de Didáctica Universitaria), REDU (Red de Docencia Universitaria) e do Instituto Latinoamericano de Estudios de la Infancia (ILAdEI) e de director da súa revista RELAdEI (Revista Latinoamericana de Educación Infantil). Forma parte do Editorial Board da revista European Early Childhood Educational Reserach Journal e do Consello de redacción da revista BORDON.

MAIO 4

QUINTA-FEIRA

17H00-18H00

APRESENTAÇÃO DO LIVRO . Auditório

GROSSES KINO - O CINEMA MUDO ALEMÃO EM PORTUGAL

Moderação: Ana Catarina Lima (Coordenadora do CLA em Ponte de Lima)

Autoria

Gerald Bär

Universidade Aberta de Lisboa

É atualmente Professor Auxiliar na Universidade Aberta em Lisboa e membro do Centro de Estudos em Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa. Coordena o Curso de Mestrado em Estudos Comparados - Literatura e outras Artes da UAb. A sua investigação nas áreas de Estudos Alemães, Literatura Comparada e Estudos de Cinema deu origem a numerosas publicações que incluem livros e artigos como, por exemplo: *Das Motiv des Doppelgängers als Spaltungsphantasie in der Literatur und im deutschen Stummfilm* (2005); *"The Beat Generation ou Pull My Daisy"* (2005); *"Perceptions of the Self as the Other: Double- Visions in Literature and Film"* (2006); *"(In)adequate Forms of revealing the Secrets of a Soul on Celluloid"* (2008); *"'Treue Natur' in Fiction and Film: The Realism Debate in the Critical Reception of Fielding in Germany"* (2008); *"Amanhã o filmezinho está pronto - O Jovem Brecht e o Cinema"* (2009); *"'Testemunho do génio romântico alemão: Aspekte der portugiesischen Rezeption des deutschen Stummfilms"* (2012); *"Portugal e os Filmes 'antiguerra' em Tempos de Revolta Estudantil"* (2014); *"Representações Cinematográficas da Alma de Méliès a Matrix"* (2014); *"Cinema de Weimar até ao 3º Reich: Poder e 'Nationalcharakter'"* (2016); *"A RAF: Baader-Meinhof entre Mito, Documentário e Cinema de Ação"* (2019).

Sinopse

O objetivo principal deste livro é documentar e analisar a receção do cinema mudo de expressão alemã em Portugal desde o surgimento da sétima arte até ao aparecimento e implementação do filme sonoro no início da década dos anos 30. Além de aspetos estéticos e investiga-se factores históricos, políticos, económicos e tecnológicos que determinaram a importação e distribuição das películas em questão. Outro objetivo é fornecer uma base, um corpus, permitindo análises posteriores mais aprofundadas e transdisciplinares no campo das ciências culturais, estudos de cinema e estudos comparatistas. Esta primeira tentativa de apresentar um largo espectro da crítica cinematográfica portuguesa, embora não exaustiva, sobre a época do cinema mudo é particularmente importante porque, até à data, só foram realizados estudos sobre este tema no âmbito das relações luso-alemãs, que apenas discutem aspetos particulares e específicos. A nossa abordagem permite compreender o papel da imprensa portuguesa nessa época, como instrumento que registou e influenciou a receção. Numa primeira fase, a recolha e comparação de recensões e artigos em jornais e revistas especializadas forneceram uma base de dados imprescindível. A segunda fase implicou a análise dos valores estéticos, éticos e morais, associados na imprensa portuguesa aos filmes de expressão alemã, não esquecendo a proveniência dos critérios aplicados nas recensões. Esta diferente perspetiva constitui uma valiosa base de dados e, ao mesmo tempo, um contributo para objetivar qualquer futura investigação sobre o cinema mudo de expressão alemã. Através da reconstrução e do estudo do contexto histórico, do desenvolvimento do mercado cinematográfico e das preferências da crítica e do público português no contexto europeu e mundial, foi possível apresentar, nesta obra, relevantes aspetos culturais, artísticos, históricos e políticos que incluem também pontos de encontro e colaboração entre as indústrias cinematográficas portuguesas e alemãs. Além do impacto e das interpretações que as produções fílmicas suscitaram junto de um determinado público durante a época do cinema mudo, este trabalho contribui para identificar as predominantes influências estéticas e teóricas na cinematografia portuguesa.

MAIO 5

SEXTA-FEIRA

10H30-12H30

MESA 7 . Auditório

CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

Moderação: Jorge Santos (ESE-IPVC)

22.

Festivais de Cinema: Lugares de Encontro entre realizadores e paisagens

Ana Priscila Laurindo Pereira Fontoura

Universidade de Aveiro
fontoura.priscilla@gmail.com

Priscilla Fontoura tem vindo a exercer as suas funções enquanto realizadora, videógrafa, documentarista, músico e agente cultural há mais de uma década. É co-fundadora da Lula Gigante e fundadora da publicação Acordes de Quinta. A autora é Mestre em Cinema Documental pela Escola Superior Media Artes e Design – ESMAD e licenciada em Som e Imagem, pela Universidade Católica Portuguesa do Porto. Neste momento é doutoranda na Universidade de Aveiro, no Departamento de Comunicação e Artes, em Novos Média.

Palavras-chave

turismo cinematográfico, festivais de cinema, paisagens, realizadores, lugares de encontro

Resumo

Os Festivais de Cinema, encetados em território nacional, têm surgido não só para exibir produções cinematográficas, em grande, média ou pequena escalas, como também têm sido criadas iniciativas para a produção cinematográfica nos lugares com paisagens inigualáveis para atrair realizadores internacionais e nacionais. Por sua vez, o diálogo entre as entidades cinematográficas e o turismo pretende tornar as cidades em regiões amigáveis para as produções cinematográficas e audiovisuais internacionais. As cidades e as regiões não são somente definidas pelas suas configurações materiais, mas também pelo património imaterial que as elevam ao estatuto cultural de cidade, região e país. Não se pode

anular que os festivais de cinema têm servido de chamariz para promover lugares de encontro entre realizadores e paisagens, apontando para a importância da criação de estratégias e de redes colaborativas com todos os seus agentes. Apesar deste tipo de turismo ser dirigido a um público de nicho, as estratégias inerentes aos festivais de cinema disponibilizam oportunidades únicas, como atrair realizadores para a produção dos seus filmes em aldeias com tradição, castelos e muralhas, lugares que são património mundial com um edificado e uma natureza singulares com identidade. Esta análise parte de três estudos de caso para fundamentar como os festivais de cinema consagrados em Portugal são efetivamente uma atração menos intrusiva, com o intuito de atrair turistas que viajam com outras motivações. Nesse sentido, foi feita uma contextualização sobre cinema, turismo e turismo cinematográfico; e o levantamento de artigos que concentraram os seus estudos em três festivais de cinema que servirão de análise para a presente investigação.

23.

JFK: Em Direto para a Televisão

Vitor Manuel Torres Ribeiro

Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho
edmond01@sapo.pt

Doutorando no Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH) da Universidade do Minho (UM) sob o tema “Paisagens Cinemáticas para as Metáforas de J. G. Ballard”. É programador de Cinema na Casa das Artes de Famalicão, com destaque para o Close-up – Observatório de Cinema, onde também exerce as funções de apoio à restante programação. Concluiu o Mestrado em “Mediação Cultural e Literária, Área de Especialização em Estudos de Cinema e Literatura” (ILCH/UM, 2011-2013) com uma tese sob a forma de Guião Cinematográfico, “Em Teu Ventre”, que cruzava ao sabor do tempo duas obras de Goethe, “As Afinidades Electivas” e “Werther”. Tem produzido trabalho na área da programação cinematográfica, com destaque para o projecto Cineclub de Joane, do qual é director e programador desde 1998. Tem também concretizado propostas de programação em parceria com outras estruturas. É membro do Júri dos concursos do Instituto do Cinema e do Audiovisual desde 2016. Tem escrito regularmente sobre cinema em várias publicações, das quais destaca o Jornal Público e o site à pala de Walsh.

Palavras-chave

J. G. Ballard, Zapruder, Oliver Stone

Resumo

“No filme possível sobre a morte de Kennedy faltam todos os outros ângulos visuais: o do próprio Kennedy, o de Jacqueline, o do assassino que disparava, o dos cúmplices, o dos outros presentes melhor colocados, o dos polícias da escolta, etc. (...) O tempo do plano-sequência, entendido como elemento esquemático e primordial do cinema, ou seja: como um plano subjetivo infinito – é assim o presente. A filmagem em direto para a televisão é uma reprodução paradigmática de alguma coisa que está a acontecer”. A conceção de paisagem ditada pela Literatura de J.G. Ballard, na diluição entre paisagem exterior e interior, em que os ecrãs são já a projeção dos nossos sonhos e ambições, na análise do filme JFK (1991) de Oliver Stone, que coloca no centro o filme Zapruder como caução para que possa seguir o conceito de Pasolini, para procurar todos os planos em falta, para aceder à verdade, num contexto problemático do valor das imagens, na superação de barreiras éticas de combinação de imagens de proveniências distintas.

24.

Cine, cuerpo y ciudad: las primeras imágenes en movimiento y las urbes modernas

José Manuel López Fernández

Universidade de Vigo
josemlopez@uvigo.es

Doctor en Comunicación y profesor asociado en la Universidad de Vigo. Funda la revista de cine Tren de sombras y de 2007 a 2017 forma parte del consejo de redacción de Caimán Cuadernos de Cine. Desde 2012 imparte cursos de cine en el Museo de Arte Contemporáneo de Vigo y en el Centro Galego de Arte Contemporánea de Santiago. En 2020 recibe el premio al mejor Ensayo sobre Audiovisual Internacional otorgado por la Academia Galega do Audiovisual. Ha comisariado exposiciones para la Fundación Luis Seoane (A coruña), Curtocircuito (Santiago) o SOLAR Galería de Arte Cinemática (Vila do Conde).

Palavras-chave

Cine, ciudad, cuerpo, Benjamin, movimiento

Resumo

Las dos primeras tomas cinematográficas de las que hay registro, de apenas unos segundos de duración, son una escena familiar en un jardín y otra vista desde una ventana que se abre sobre una ciudad. Ese jardín era el de la casa familiar y esa ventana la del taller que el inventor de origen francés Louis Aimé Augustine Le Prince tenía en Leeds. Comenzó así un idilio maquínico, deambulante y espectral entre las tres grandes “c” que marcaron el siglo XX: cine, cuerpo y ciudad. La ciudad tardomoderna que surgió de la Revolución Industrial se convirtió en el hábitat natural para las primeras imágenes en movimiento. Para Walter Benjamin, el cine era la culminación de todas las formas de visualización de los tiempos y los ritmos prefigurados por las máquinas modernas: su discontinuidad fragmentaria, su visualidad omnívota y panóptica provocaba que cualquier transeunte pudiera estar «en situación de ser filmado». El flâneur glosado por Baudelaire y Benjamin, entre tantos otros, se convirtió en el protagonista del relato luminoso de la ciudad moderna atravesando sus calles como la luz atraviesa un proyector; es decir: generando imágenes. El cinematógrafo se convirtió así en el gran espejo de las metrópolis de comienzos del siglo XX, casi como si hubiera sido inventado para retratarlas por primera vez. Porque una de las historias posibles del cine es también, al mismo tiempo, la historia de la ciudad y la de los cuerpos que la habitan.

25.

Vislumbres de um futuro impensável: o Filme-Ensaio na época do Antropoceno

Sara Daniela Carvalho Novais dos Santos

Investigadora Independente
ss_sarasantos@hotmail.com

Sara N. Santos (1992), realizadora. Licenciada em Cinema Documental pela Escola Superior de Tecnologia de Abrantes (2013) e Mestre em Comunicação Audiovisual pela Escola Superior de Media Artes e Design (2018). Os temas desenvolvidos nos seus filmes estão relacionados com Tempo, Memória e Foundfootage, “Saba” (2014) e “Just Like the Films” (2020). Nestes trabalhos, a montagem possibilita a criação de uma segunda vida e de novas narrativas para as imagens de que se apropria. Tem também desenvolvido o seu trabalho em direção de fotografia e edição em projetos documentais tais como “A Ver o Mar” (2018) e “Lar Doce Escola” (2019). Em 2020, criou o projecto educativo emerGENTE, um laboratório de experimentação em media artes.

Palavras-chave

Antropoceno, Filme-Ensaio, Ficção do Futuro, Estética, Sublime

Resumo

O início da terceira década do séc.XXI é marcado por incertezas planetárias: uma pandemia, instabilidade ecológica e a promessa iminente de uma guerra nuclear. É seguro afirmar que a Terra, tal como a habitamos, tem-se transformado num lugar cada vez mais inóspito e cujo futuro desafia previsão (cf. Fay 2018). Apesar do discurso e da análise em torno do Antropoceno terem vindo a aumentar na última década, a Ciência, isolada, falha numa abordagem mais complexa a este fenómeno. Assim, a representação estética do ser e estar no mundo é um desafio necessário para a humanidade pensar no impacto provocado pela sua própria existência, mas também imaginar a possibilidade de um futuro pós-humano. É nesta realidade disforme que o Filme-Ensaio, - pelas suas características híbridas, ao quebrar as fronteiras entre facto e ficção (Alter 2017) - se assume como um processo de pensamento capaz de gerar saber através da experiência do Sublime.

26.

Cinema documental, realizador e personagem enquanto enigma

Adriana Baptista

uniMAD | ESMAD/P. Porto
mab@esmad.ipp.pt

Professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Semiótica e Metodologias de Investigação em Comunicação Audiovisual. Doutorada em Psicolinguística/Leitura de Texto e Imagem e investigadora em Literacia Verbal e Visual na uniMAD (Unidade de Investigação da ESMAD) e no CLUL da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Alberto Seixas

adbseixas@gmail.com

Realizador, diretor de fotografia e editor. Mestre em Comunicação Audiovisual, na vertente de Cinema Documental, pelo Instituto Politécnico do Porto. Licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Porto. Realizador de “Hunting Day” (curta-metragem de ficção, 2020), premiado no IndieLisboa, no International Film Festival BRNO16, no Festival Internacional de Cinema em Balneário Camboriú e no 3in1 Film Festival; e de “Um Homem Não é Um Homem Só” (curta-metragem documental, 2018), premiado nos Prémios Sophia Estudante, no 3in1 Film Festival e no Shortcutz Ovar. Desenvolve atividade regular na área audiovisual na Universidade do Porto e, de forma esporádica, noutras instituições do país.

Priscila Fontoura

fontoura.priscilla@gmail.com

Exerce funções enquanto realizadora, videógrafa, documentarista, música e agente cultural há mais de uma década. É cofundadora da Lula Gigante e fundadora da publicação Acordes de Quinta. Mestre em Cinema Documental pela Escola Superior Media Artes e Design – ESMAD/P. Porto e licenciada em Som e Imagem, pela Universidade Católica Portuguesa do Porto. Entre os seus filmes, figuram *Atrás do tempo*, *tempo vem* (2021) e *Além do Horizonte* (2021).

Palavras-chave

Personagem, ator, actante, realizador

Resumo

No cinema documental pode fundir-se o papel do realizador e do personagem. Com base na realização contemporânea de três documentários propomo-nos discutir funções, estatuto e papéis dos personagens no cinema documental. São várias as situações (nas quais destacamos a biografia, a autobiografia e o testemunho do acontecimento), onde o personagem principal eventualmente se esconde atrás da voz do narrador, ou seja, onde o realizador atua, conferindo ao narrador um papel distante do ator e próximo do conhecedor interveniente. Num primeiro momento, o narrador assume ser ator social, como se negasse a representação. Todavia, fica claro, frequentemente, que ao misturar-se o realizador com o personagem (cf. tipologia de Bezerra), ao tentar ser o principal personagem, o narrador, sendo comandado pelo realizador (presença, voz on e off-line, duração da presença, componente narrativa (expositiva, descritiva), argumentativa, opinativa, neutral) é também personagem. A nomeação que qualquer tipologia possa atribuir ao personagem (podendo ser ator ou actante), aborda a designação como um rótulo de papéis dentro do filme e contribui para a função do filme entre a divulgação e a transformação: o personagem herói, o personagem vítima, o personagem protagonista, o personagem ícone, ... Tal como nas narrativas literárias, o personagem do documentário pode ser o personagem central, assumindo ser plano ou redondo e quando redondo podemos atribuir ao realizador ou ao próprio personagem a capacidade de nos surpreender, mesmo que este personagem seja o maior testemunho do acontecimento desconhecido ou imprevisível. Segundo Bezerra não existe um grau zero entre personagem e pessoa. Se pretendermos retirar-lhe o papel de ator continuará sendo um performer ou, enquanto realizador, manter-se-á sempre como um não-performer? Nos três documentários em debate, num deles o realizador busca, escondido num personagem enigma, a sua autobiografia na biografia do seu nome, num outro, a realizadora na biografia da família, faz-se personagem biografada, num outro, a realização ganha a voz de um personagem que decide o que pode ser dito e visto sobre o protagonista e em cada um pretende-se demonstrar a dificuldade de fugir à interseção de papéis, funções e estatutos.

MAIO 5

SEXTA-FEIRA

14H00-16H30

SEMINÁRIO . Auditório

WORK IN PROGRESS

Coordenação: Paulo Cunha (UBI)

Integrado nos programas da Conferência Internacional de Cinema de Viana e dos Olhares Frontais, o Work in Progress (WiP) pretende apresentar e debater presencialmente projetos de investigação em desenvolvimento no contexto de mestrado e doutoramento da área de cinema, audiovisual e novos média.

RESPONDENTES:

Raquel Moreira (IPVC)

Raquel Moreira (Porto, 1983). Formação: licenciatura em Gestão do Património, licenciatura em Artes Plásticas, mestrado em Estudos Museológicos e Curatoriais, doutoramento em Arte Contemporânea. Professora no IPVC e na Universidade do Minho. Colaborou na Solar Galeria de Arte Cinemática e no Curtas Vila do Conde, do qual é membro da comissão de seleção.

Pedro Florêncio (NOVA)

Pedro Florêncio é licenciado em Cinema pela Escola Superior de Teatro e Cinema, mestre em Cinema e Televisão pela NOVA FCSH, doutorado em Artes pela Universidade de Lisboa. Realizou, entre outros, os filmes À Tarde (2017) e Turno do Dia (2019). Tem publicações, dispersa e em volume, sobre cinema. É docente e investigador na NOVA FCSH.

PROJECTOS:

14H00

Invisibilidade visível: o trabalho doméstico no cinema latino-americano

Lígia Maciel Ferraz

(Doutoramento em Media Artes, Universidade da Beira Interior, Portugal)

14H45

Cinema Universitario: testimonio e historia de un giro en el panorama cinematográfico español

Manuel Herrería

(Doutoramento em Historia del Arte y Musicología, Universidad de Salamanca, Espanha)

15H30

Reflexões em torno da realização de um filme sobre a emigração luso-francesa nos anos 1960: os desafios da representação da história íntima e familiar no cinema

Jorge Vaz Gomes

(Doutoramento em Belas Artes, ramo Arte Multimédia, Universidade de Lisboa, Portugal/Études cinématographiques et audiovisuelles label recherche en création, Université Sorbonne Nouvelle, França)

MAIO 5

SEXTA-FEIRA

17H00-18H30

Auditório

ENCONTRO DE PROFESSORES – CINEMA E ESCOLA

A AO NORTE tem vindo a propor uma reflexão sobre Cinema e Escola. Através da Conferência Internacional de Cinema de Viana, de ações de formação de curta duração para professores e do projeto Escolas em Grande Plano, quer contribuir para o debate e a partilha de práticas de cinema na escola, do jardim-de-infância à universidade. Este Encontro de Professores, subordinado ao tema Cinema e Escola, pretende partilhar experiências e criar sinergias com os projetos nacionais de educação para as artes, os professores, as comunidades educativas e os agentes culturais.

VAMOS FALAR SOBRE CINEMA? – O PNC nas comunidades educativas

ELSA MENDES

Coordenadora do Plano Nacional de Cinema

Resumo

Partindo da evidência do crescimento permanente do PNC ao longo dos últimos anos, nesta comunicação procuramos sublinhar a importância progressivamente assumida por esta área nas comunidades educativas, bem como problematizar os principais desafios que se colocam, em termos de políticas públicas nas áreas da cultura e da educação, relativamente ao cinema e audiovisual.

CINEMA & EDUCAÇÃO: QUE RELAÇÃO?

ELSA CERQUEIRA

Professora de Filosofia na Escola Secundária de Amarante, onde coordena o Plano Nacional de Cinema e dinamiza o Clube Filocinema

Resumo

Nesta intervenção pretende-se dar a conhecer a prática educativa alicerçada no Cinema, dentro e fora da Escola Secundária de Amarante, desvelando-o enquanto Arte inclusiva por excelência.

ESCOLAS EM GRANDE PLANO

CARLOS EDUARDO VIANA

Coordenador do projeto Escolas em Grande Plano

Resumo

Escolas em Grande Plano, um projeto que atravessa todos os níveis de ensino, procura desenvolver o interesse pelo cinema e o audiovisual, sensibilizar para estas formas de expressão e para as tecnologias associadas, e proporcionar aos jovens os meios de análise, criação e de produção que permitam novas formas de expressão.

